

## O Movimento Lésbico em Fortaleza – LAMCE: trajetória e ações de luta

Cláudia Freitas de Oliveira \*

### Resumo

Em abril de 2004, um grupo de mulheres de Fortaleza reuniu-se para discutir formas de enfrentamento da discriminação sofrida não somente pelas mulheres, de uma maneira em geral, em seu cotidiano, mas, especificamente, por um segmento, tradicionalmente invisibilizado na sociedade, de mulheres bissexuais e lésbicas. Como proposta de ação contra as violências praticadas de diversas ordens, tanto físicas como simbólicas, essas mulheres decidiram criar um grupo, inicialmente, intitulado LANCE –, Lésbicas Atuantes No Ceará. Contudo, como algumas não se consideravam lésbicas, pois mantinham também relações heteroafetivas e heterossexuais, após uma série de ponderações, em debate, foi aprovado o nome LAMCE (com M), Liberdade do Amor entre Mulheres no Ceará. Este estudo visa analisar a gênese, trajetória e principais desafios enfrentados pelo grupo que, neste ano, completa 10 anos de existência.

**Palavras-chave:** Movimento de mulheres; Feminismo; Movimento lésbico; LAMCE; Fortaleza.

### Introdução

Primeiramente, pretende-se discutir, em primeiro momento, a construção da temática das mulheres e dos movimentos feministas nos espaços historiográficos, acadêmicos e nos movimentos sociais, observando suas trajetórias e embates. Em segunda seção, será abordada a experiência de um movimento específico ocorrido na cidade de Fortaleza, o LAMCE, a partir da análise de sua gênese, ações e estratégias de luta. Serão problematizados ainda os relatos de memória de duas integrantes do LAMCE acerca de suas vivências no movimento lésbico na época em que eram militantes e suas expectativas quanto ao movimento na atualidade. Para tal fim, a metodologia aplicada contemplou leituras bibliográficas sobre as temáticas acima

---

\* Pós-doutoranda do Programa Nacional de Pós-Doutorado PNPd CAPES/Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Instituto Federal do Ceará (IFCE). Coordenadora do GT História, Saúde e Doenças (ANPUH-CE).

mencionadas e o envio de questionários às participantes do LAMCE, contendo dez perguntas, cujo objetivo foi investigar as trajetórias, dificuldades e desafios enfrentados pelo grupo.

## **A Construção da História das Mulheres e dos Movimentos de Mulheres**

### **Trajетórias e embates nas produções acadêmicas**

A temática das mulheres nas produções acadêmicas e nos movimentos sociais não data de tempos recentes. Ela tem história, trajetórias e embates tencionados por diferentes propostas teóricas e estratégias de ação política, respectivamente. O século XX produziu vasta bibliografia no mundo ocidental, inclusive na América Latina e no Brasil, sobre a concepção e atuação das mulheres como sujeitos históricos ativos, em temporalidades e espacialidades distintas.

Estudos historiográficos sobre a história das mulheres, do feminismo, do movimento feminista e de gênero ampliaram-se, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, com a chamada “crítica dos paradigmas tradicionais oitocentistas”, dirigido aos que invisibilizaram as mulheres em suas narrativas. Durante a década de 1970, algumas pesquisas foram publicadas, abordando, supervalorizadamente, o poder de combatividade das mulheres. Em um movimento quase “compensatório” e com o intuito de preencher o ostracismo historiográfico de fins de século XIX e início do XX, no qual foram confinadas as mulheres, algumas pesquisas interpretaram a ação de determinadas personagens históricas sob o viés da **heroicização** feminina contra uma cultura e sociedade opressora. Um dos objetivos desse tipo de análise interpretativa era distanciar-se frontalmente dos estereótipos de passividade e/ou ociosidade, recorrentemente atribuídos às mulheres, construídos pelas gerações de historiadores precedentes à segunda metade do século XX. Nos anos de 1980, porém, evitou-se reforçar as dicotomias atribuídas às mulheres seja como vítimas, seja como heroínas, e o tema foi trabalhado em uma perspectiva de dar maior compreensão às pluralidades e complexidades de suas experiências historicamente construídas.

Ao longo do século XX até a contemporaneidade, muitas foram as discussões no campo acadêmico em torno dos objetos, análises e perspectivas envolvidos na chamada História das Mulheres. Entre os campos teóricos distintos questionavam-se, inclusive, a inapropriação do uso de conceitos como gênero e feminismo, pois atribuíam-lhes sua “[...] transitoriedade, efemeridade das perspectivas, instabilidade e historicidade”

(MATOS, 1998, p. 69). Os embates tiveram e têm dimensão de ordem política, filosófica e histórica com ampla bibliografia produzida, que ultrapassa os limites deste artigo (MATOS, 1998; PEDRO, 2011; COSTA, 2010; CIRIZA, 1997; ANZALDÚA, 2009, BUTLER, 1987; MATHIEU 1991). Contudo, necessita-se aqui pontuá-las para que se possa compreender que a temática das mulheres e, especificamente do movimento feminista, está longe de obter consenso e naturalização de ideias e de comportamentos. Somente a título de exemplo, poder-se-ia mencionar a desconstrução abertamente defendida de termos tradicionalmente “inquestionáveis” como a noção de **sexo**, desde as décadas de 1970 e 80, por teóricas, como Monique Wittig e Colette Guillaumin (FALQUET, 2012).

Essas amplas e calorosas discussões referem-se ao campo da produção acadêmica. Contudo, outra abordagem da temática das mulheres se dá através da construção dos movimentos sociais. Uma importante crítica feita pela historiadora Joana Maria Pedro sobre o tema refere-se ao diálogo ainda incipiente existente entre a universidade e os movimentos sociais de mulheres, isto é, dois campos de atuação teórico-políticos que poderiam melhor se fortalecer na construção de uma sociedade menos opressora em relação às mulheres, intensificando a comunicação e interlocução entre si. A pesquisadora Cecília Sardenberg reconhece a existência de certo distanciamento entre os movimentos feministas e o campo intelectual, haja vista sua alta sofisticação discursiva conceitual e filosófica, contudo afirma: “Isso não quer dizer que a práxis política esteja ausente na vida acadêmica.” (SARDENBERG, 2004, p. 4). Para a feminista argentina Alejandra Cirizacuyo, os estudos sobre as mulheres e a teoria feminista no mundo acadêmico pós-moderno estão cada vez mais especializados o que fez da teoria um espaço relativamente autônomo com grande carga de abstração. Entretanto, ela pondera que a teoria é um espaço necessário e afirma: “Esta necesidad no implica, sin embargo, la ruptura definitiva con la praxis, ni la renuncia lisa y llana a la vinculación con el movimiento de mujeres [...]” (CIRIZA, 1997, p. 159).

Outra crítica levantada por Joana Maria Pedro refere-se à desconfiança, resistências e mesmo desqualificação existente no próprio ambiente historiográfico brasileiro. Acerca da temática de gênero, a desconfiança pode ser notada quando colegas utilizam a argumentação de que essa se trata de uma “história militante”, portanto, não “científica”; como se outras categorias de análise trabalhadas por historiadores, como classe, raça, etnia e geração também não estivessem envolvidas em embates e relações sociais para além do ambiente da academia (PEDRO, 2011, p. 270).

No caso da temática sobre a história e os movimentos de mulheres bissexuais e lésbicas, a situação ainda é mais delicada. Segundo o pesquisador Anderson Guimarães, em levantamento feito em 2011, acerca das dissertações e teses publicadas no Portal Domínio Público – reconhecido por uma das mais renomadas instituições de fomento à pesquisa no país, a CAPES – entre os mais de 175.000 trabalhos defendidos, havia apenas uma dúzia referentes às palavras-chave: **lésbica, lesbianismo, lesbianidade, homoafetividade feminina** (GUIMARÃES, 2011, p. 9). Esse dado é sugestivo para se observar que a temática específica sobre bissexualidade feminina e lesbianidade ainda não encontra grande ressonância no ambiente acadêmico-científico brasileiro. Para o autor, o espaço de maior visibilização sobre o tema localiza-se em outro tipo de veículo e linguagem, típicos da sociedade contemporânea, como as redes virtuais da internet – *blogs, sites, chats* –, nas quais se promovem não somente a troca de experiências entre mulheres, mas possibilitam a socialização de artigos, debates e discussões teóricas e políticas.

### **Trajetórias e embates nos movimentos sociais**

Em perspectiva de breve reconstituição histórica sobre a trajetória do campo do estudo das mulheres no que se refere aos movimentos sociais, os movimentos feministas ocidentais e, especificamente, os latino-americanos atravessaram conjunturas político-econômicas, nomeadas, pela pesquisadora Sônia Alvarez, de **Fases do Neoliberalismo** ou **Ondas do feminismo**. Os movimentos pautaram agendas políticas paralelamente às fases do desenvolvimento neoliberal, ao longo da segunda metade do século XX, muitas vezes permeado por ambivalências e paradoxos em relação ao Estado e às instituições de desenvolvimento (ALVAREZ, 2014).

No Brasil, os movimentos fortaleceram-se, sobretudo, em fins dos anos 1970, configurados no ambiente de abertura e redemocratização políticas. Advindos de situações conjecturais distintas, seja através da participação das mulheres exiladas recém-chegadas ao Brasil onde tiveram contato com os movimentos feministas no exterior, seja através da participação de setores populares de esquerda ligados à igreja católica, os movimentos feministas não estavam apartados ou alheios aos demais movimentos sociais e políticos que eclodiram em fins da ditadura militar brasileira (SOARES; SARDENBERG, 2011). Eles propunham uma série de reivindicações em sua agenda política entre as quais o combate às violências física, psicológica e

patrimonial contra as mulheres e a fomentação de ações governamentais referentes à questão do corpo, como estímulo aos métodos contraceptivos e reprodutivos.

Inseridas no movimento de mulheres feministas, as lésbicas buscaram construir espaços de visibilização ainda no início dos anos de 1970, mas suas vozes mantinham-se isoladas e encontravam resistências internas. Segundo a pesquisadora Francine Descarries, a corrente de reivindicação de uma identidade lésbica dentro dos movimentos feministas era chamada de *feminismo radical* ou também *feminismo lesbiano*. Essa corrente era considerada revolucionária, pois denunciava a ordem patriarcal sexista e reivindicava a “abolição das instituições patriarcais para acabar com o determinismo biológico e concretizar seus objetivos libertadores” (DESCARRIES, 2000, p. 17).

Para Anderson Guimarães, antes mesmo da década de 1970, o Brasil teve contato com a literatura lésbica, através da publicação do livro de Iracy Doyle, **Contribuição ao Estudo da Homossexualidade Feminina** de 1956 (GUIMARÃES, 2011). Segundo a socióloga Jules Falquet, o tema da lesbianidade na história da humanidade está longe de ser novo e muito menos está restrito ao **mundo ocidental, urbano, “branco” e economicamente privilegiado** (FALQUET, 2012). Vestígios e resquícios de experiências lésbicas foram encontrados em várias formas de linguagem artístico-culturais como na poesia e escultura; em várias partes do mundo, como no Zimbábue, Indonésia e em momentos remotos da história da humanidade.

No Brasil, entretanto, foi durante as décadas de 1980 e 1990, através da realização de encontros nacionais feministas com forte presença de movimentos de mulheres populares de segmentos urbanos e rurais, que a visibilização das lésbicas tornou-se mais expressiva, mesmo assim, elas continuaram enfrentando resistências dentro do movimento feminista. A incorporação das **questões das mulheres lésbicas em sua produção teórica e agenda política** incluía, notoriamente, temas de comportamentos heterossexuais, como: contracepção, aborto, esterilização, gravidez e parto, reforçando as práticas heteronormativas na sociedade. Segundo as pesquisadoras Gilberta Soares e Cecília Sardenberg, além de não incorporar na agenda as demandas lésbicas, havia feministas que se afastavam das mesmas para não serem confundidas como tais, o que colaborou para a manutenção da invisibilidade lésbica (SOARES; SARDENBERG, 2011).

Para as autoras, durante o processo de redemocratização política, as lésbicas enfrentaram dificuldades de visibilização inclusive por parte de setores historicamente

envolvidos com as causas sociais, como a esquerda, a intelectualidade acadêmica e setores progressistas da igreja católica:

“Todavia, o feminismo resistiu a incorporar as questões das mulheres lésbicas em sua produção teórica e agenda política. Boa parte do movimento se deixou intimidar pela pressão social da conjuntura da época que exigiu ao feminismo o silêncio sobre a lesbianidade e sua invisibilização para que pudesse ser, minimamente, respeitado pela esquerda brasileira, pela intelectualidade acadêmica, pela Teologia da Libertação, pela mídia, pela sociedade em geral no momento pós-ditadura no Brasil. (SOARES; SARDENBERG, 2011, p. 3).

Assim, ao mesmo tempo em que as ativistas lésbicas criticavam o movimento gay, hegemonicamente composto por homens, faziam claras ressalvas ao feminista, dominado por **mulheres heterossexistas e heterossexuais** (FALQUET, 2012). Isso não significa afirmar, entretanto, que, em muitos outros momentos das trajetórias dos movimentos feminista e lésbico não houvesse diálogo entre si e que não houvesse conquistas conjuntas para ambos. De qualquer forma, a alternativa encontrada pelas lésbicas foi a reivindicação de sua autonomia, enquanto movimento específico. Dessa maneira, ao construírem agenda própria, espalhando-se por várias partes do mundo, criaram sua identidade de grupo e práticas de visibilização. Paralela a essas discussões, outra variante forte, dentro do movimento feminista nos anos 1980 no Brasil, referia-se às mulheres negras, que também criticavam as estruturas coloniais ainda existentes na cultura brasileira. Para essas mulheres, as estruturas coloniais deveriam ser enfrentadas em vários segmentos, inclusive no próprio movimento feminista.

Atualmente, os debates feministas possibilitaram a reflexão de novas diretrizes de ação e proposição de lutas em várias frentes. Os debates atuaram no combate ao racismo, patriarcalismo, capitalismo e heterossexualidade normativa e, sobretudo, na formulação de um projeto político e nas mudanças de paradigmas que atendessem às questões amplas, sem negligenciar, contudo, as demandas específicas. A denúncia contra a “[...] heterossexualidade ‘obrigatória’ como uma norma social possível pela ‘invisibilização’ da lesbianidade – inclusive no movimento feminista [...]” (FALQUET, 2012, p. 20) entra fortemente nessa discussão. Teóricas feministas como Monique Wiiting desconstroem as noções de homem e mulher, considerando-as não categorias naturais ou biológicas, mas políticas que podem existir uma sem a outra. As lésbicas, ao “escaparem ou se recusarem a se tornar ou permanecerem heterossexuais” ao colocarem em causa esta relação social, a heterossexualidade, questionam a própria existência de mulheres e homens (WITTIG apud FALQUET, 2012, p. 23). Assim:

[...] a heterossexualidade não é natural, mas social [...] não é uma prática sexual mas uma ideologia [...] que é a base da opressão patriarcal das mulheres, de sua apropriação pelos homens, é fundamentada na crença fervorosa e incessantemente renovada na existência de uma “diferença dos sexos” [...] esta “diferença dos sexos” constitui um postulado subjacente não só ao senso comum, mas ao conjunto das “ciências” ocidentais, da psicanálise até a antropologia. A forma como as lésbicas desconstruem essa ideologia se dá na luta política, no movimento. Assim, a heterossexualidade é tida como uma ideologia e instituição social que constrói e naturaliza não somente a diferença dos sexos, mas também a diferença de “raça” e de “classe”. (WITTIG apud FALQUET, 2010, p. 22-23).

### **LAMCE: gênese, ações e estratégias de luta e percursos históricos**

Na trajetória do movimento lésbico no Brasil, a pesquisadora Margareth Gomes menciona o Grupo Lésbico Feminista (GF). O grupo foi depois denominado Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF) e também foi a primeira organização formada exclusivamente por lésbica no país, surgida em 1981 (GOMES, 2013). O grupo foi fundado durante a **primeira onda** do movimento homossexual no Brasil, na segunda metade da década de 1970, em decorrência de dissidências internas do SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual, criado em 1978. Segundo Regina Facchini, o GALF objetivava incentivar a atenção **às questões ligadas à sexualidade e brigava para que as militantes feministas assumissem suas práticas homossexuais**. Foi o único grupo paulista que permaneceu na ativa até os anos de 1990, tornando-se ONG e alterando seu nome para **Rede de Informação: um Outro Olhar** (FACCHINI, 2003, p. 93).

Contudo, a entidade nacional que mais influenciou o início da trajetória do LAMCE foi a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL). Fundada durante o III Fórum Social Mundial, em janeiro de 2003, na cidade de Porto Alegre, a LBL constitui-se como espaço autônomo e não institucional de articulação política, anticapitalista, antirracista, não lesbofóbica e não homofóbica e de articulação temática de mulheres lésbicas e bissexuais, pela garantia efetiva e cotidiana da livre orientação e expressão afetivo-sexual.<sup>1</sup>

Antes da LBL, o primeiro contato que as fundadoras<sup>2</sup> do LAMCE tiveram com o movimento lésbico em nível nacional foi durante o Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), que contou com a participação de 130 mulheres. A ideia de organizar o grupo adveio como desdobramento desse encontro de mulheres lésbicas organizado pelo SENALE, no município de Aquiraz, próximo a Fortaleza. O SENALE tinha como

---

<sup>1</sup> Ver: <http://lblnacional.wordpress.com/carta-de-principios/>.

<sup>2</sup> Na época cerca de sete mulheres entre 20 a 35 anos.

proposta mais ampla a **construção de uma sociedade com igualdade de direitos e respeito às diferenças** e a discussão de questões relativas às especificidades do segmento lésbico, muitas vezes, não devidamente aprofundado internamente pelo movimento de mulheres.<sup>3</sup>

Depois de criado, uma das primeiras atividades do LAMCE foi a construção da IV Parada pela Diversidade Sexual do Ceará, realizada em Fortaleza, em 2004, quando as mulheres lésbicas e bissexuais tiveram, pela primeira vez, um trio elétrico voltado especificamente para esse segmento. A saída de um trio, durante a Parada pela Diversidade Sexual, composto apenas por mulheres, pela Av. Beira Mar, apresentava-se como uma conquista simbólica e política significativa, pois representava a primeira ação efetiva de visibilidade lésbica e uma oportunidade de utilizar o microfone para expor as reivindicações do grupo à sociedade, sem a mediação de outros segmentos do movimento Lgbtt. As integrantes do LAMCE organizaram e construíram, de forma autônoma, suas falas afetivas e pautas políticas. Na época, o movimento Lgbtt no Ceará tinha como principal associação representativa o Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), uma organização não governamental, fundada em 1989, filiada à International Lesbian and Gay Association (ILGA) e à Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), criada em 1995, com 31 grupos fundadores e composta atualmente por 308 organizações afiliadas.

No mesmo ano de 2004, com o apoio do Conselho Municipal de Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza e da Prefeitura Municipal de Saúde de Fortaleza, o LANCE (ainda com a letra “N”), promoveu seu I Encontro da Visibilidade Lésbica. O encontro teve como tema: **Saúde e Cidadania**, e foi realizado em um centro social de Fortaleza, em 28 de agosto, dia nacional da visibilidade lésbica. A organização do 1º Encontro da Visibilidade Lésbica no Ceará visava discutir a luta contra o machismo, sexismo, racismo e contra as questões normativas e impositivas de comportamento heterossexual.

Em panfleto de divulgação sobre o evento, o grupo autodefinia-se como:

LANCE – Lésbicas Atuante no Ceará – é um grupo, em formação, que visa criar espaços de discussão sobre a homossexualidade feminina no Estado do Ceará, a partir de temas como: saúde, cidadania, direitos humanos e relações cotidianas. Nesse sentido, convidamos a todas as pessoas que queiram

---

<sup>3</sup> O I SENALE ocorreu no Rio de Janeiro (1996); o II, em Salvador (1997); o III em Betim - MG, (1998); o IV em Aquirás – CE (2001); V, em São Paulo (2003); VI, em Recife (2006); VII, em Porto Velho (2010); VIII em Porto Alegre (2014). Cf.: <http://senale.wordpress.com/2014/05/12/seminario-nacional-de-lesbicas-senale/>.

contribuir para a construção de uma sociedade sem preconceitos e em defesa da diversidade sexual a participarem do I ENCONTRO DA VISIBILIDADE LÉSBICA, cujo tema é SAÚDE E CIDADANIA, momento este em que consideramos importante e oportuno para refletirmos e trocarmos ideias acerca das relações homoafetivas entre mulheres. (LANCE, 2004).

Na programação do evento, constava o cumprimento de duas mesas redondas cujos títulos eram: “Construindo a Cidadania e Preservando a Saúde” e “A História e o Despertar da Sexualidade”, além da apresentação de filme sobre a temática lésbica e abertura para debate posterior.

Desde sua gênese, com muitas dificuldades, o LAMCE construiu uma série de ações: realizaram atos públicos contra a violência contra mulher em praças e terminais de ônibus em Fortaleza; instituíram 8 de março como dia de luta em defesa da mulher; participaram de Conferência Municipal LGBT de Fortaleza e organizaram seminários Paradas pela Diversidade Sexual no Ceará.

Em comemoração aos 5 anos de existência, o LAMCE postou, em 24 de abril de 2009, em seu *blog*, suas bandeiras de luta:

O fim do racismo; O fim da violência contra as mulheres; O fim da homofobia, lesbofobia e transfobia; O fim do capitalismo; O fim do fundamentalismo religioso; A descriminalização e legalização do ABORTO; Queremos um mundo melhor, sustentável e possível para que todas e todos possam de fato viver com liberdade e AUTONOMIA! Lésbicas feministas pelo fim da ditadura heterossexista! (LAMCE, 2009).<sup>4</sup>

Em 2011, o LAMCE participou da organização da “Marcha das Vagabundas” de Fortaleza, movimento de repercussão nacional que ocorreu em várias cidades do país. As ações realizadas envolviam não apenas estratégias políticas, mas também de âmbito cultural. Nesse sentido, em 2011, as integrantes propuseram a criação de um grupo musical de percussão, formado somente por mulheres. O grupo “Tambores de Safo”, durante a organização da XI Parada pela Diversidade Sexual em Fortaleza, foi concebido na perspectiva de que a arte também pode ser pensada como instrumento de combate às opressões sociais e culturais.

Em momentos pontuais de sua trajetória, o LAMCE propôs a elaboração de estudos formativos sobre a questão da lesbianidade e do feminismo como forma de fundamentação e aprofundamento teórico sobre o tema. Mas a proposta esbarrava-se em dificuldades internas. A correria da vida cotidiana ou mesmo a falta de interesse ou de

---

<sup>4</sup> Ver: <http://grupolamce.blogspot.com.br/2009/04/lamce-5-anos-de-luta-lesbico-feminista.html>.

tempo podem ser apontadas como causas para a não formação político-teórico mais efetiva de grupo de estudos.

Uma das últimas ações de visibilização do movimento lésbico, realizada pelo grupo e postada *on-line* no *blog*, ocorreu em 27 de março de 2012. Divulgaram o evento: **Mini Leskontro Cultural**, realizado pelo LAMCE, pela Parada Lésbica e pela rede Leskut, com o apoio dos Tambores de Safo, do Fórum Cearense de Mulheres e da Articulação de Mulheres Brasileiras. O Encontro ocorreu na Casa Feminista Nazaré, em Fortaleza e tinha como programação uma palestra cujo tema era “Relacionamentos Lesbianos e Infidelidade” e uma festa de congregação entre as mulheres participantes.

Atualmente, o grupo assim define-se e registra sua história:

O LAMCE (Liberdade do Amor entre Mulheres no Ceará) é um grupo de lésbicas e mulheres bissexuais feministas, que foi fundado em 24 de abril de 2004 na cidade de Fortaleza/CE. Assim, o grupo possui como missão “Lutar contra a disseminação do preconceito por orientação sexual e identidade de gênero, através de ações políticas afirmativas voltadas para a visibilidade, garantia e efetivação dos direitos humanos e cidadania de mulheres lésbicas e bissexuais, a partir do projeto político feminista.” Atualmente, o LAMCE compõe o Fórum Cearense de Mulheres (FCM) (LAMCE, 2014).<sup>5</sup>

## **Dois Relatos de Memória de Integrantes do LAMCE: o movimento lésbico ontem e hoje**

Para a construção deste estudo, entrei em contato com nove das primeiras integrantes do LAMCE para dar seus registros de memória sobre o grupo durante os dez anos de sua existência. À exceção de uma ex-integrante que não respondeu ao meu pedido, todas se disponibilizaram, prontamente, em responder ao questionário elaborado por mim contendo dez itens e enviado para seus *e-mails* pessoais. Não foi possível realizar entrevistas pessoalmente, devido à disponibilidade de tempo da entrevistadora e das entrevistadas. Ainda quanto ao questionário, a pessoa poderia identificar-se, usar apelidos ou colocar apenas as iniciais do nome.

O questionário foi estruturado a partir dos seguintes eixos temáticos e objetivos:

1. Identificar os motivos pelos quais houve o ingresso e a saída das integrantes do LAMCE; 2. Analisar as linhas, estratégias de ação, dificuldades enfrentadas, contribuições e conquistas do LAMCE; 3. Problematizar as memórias das integrantes sobre o grupo e sua participação ou não em movimentos sociais ou grupo político, na atualidade. Apesar dos limites metodológicos dos relatos, haja vista que apenas duas

---

<sup>5</sup> Ver: <http://grupolamce.blogspot.com.br/>.

integrantes propuseram-se efetivamente a responder o questionário, eles tornam-se documentos importantes de registros de memória de uma época. As duas integrantes que responderam ao questionário desejaram identificar-se com nome e sobrenome. Os trechos principais de seus relatos seguem abaixo.

A primeira entrevistada foi Veridiana Martins. Administradora e militante política, hoje com 39 anos, Veridiana Martins foi uma das fundadoras do grupo. Antes de contribuir para a criação do grupo, Vivi – como gosta de ser chamada – já era militante do movimento, na época chamado de LGBT. Em entrevista, ela relata que sua intenção ao fundar o LAMCE se deu pelo desejo que tinha da: “[...] necessidade de ter um movimento para mulheres lésbicas haja vista que: as mulheres lésbicas não tinham um movimento onde sentissem representadas por suas especificidades; ela queria que as mulheres lésbicas tivessem mais visibilidade.”<sup>6</sup> Para Veridiana: O LAMCE foi criado com objetivo de dar mais visibilidade as lésbicas, queríamos ter espaços nos debates, nas discussões, nas decisões.

Perguntada por quais razões Veridiana Martins resolveu sair do LAMCE, atribuindo motivação de ordem profissional: “[...] tive que terminar o meu curso superior e também tive que começar uma nova etapa da minha vida profissional e isso [o grupo] me tomava todo o tempo.”<sup>7</sup> Mesmo dedicando-se à sua formação acadêmico-profissional, Veridiana afirmou que ainda atua em movimentos sociais e políticos.

Sobre as maiores dificuldades observadas na construção do movimento lésbico no Ceará, ela respondeu: “[...] infelizmente percebi que o movimento era liderado por gays, os espaços eram disputados por eles, não tínhamos nossos espaços.”<sup>8</sup> Sua resposta vai ao encontro das experiências semelhantes vivenciadas pelo movimento feminista lésbico brasileiro, acima mencionado, ou seja, as especificidades do movimento lésbico, inserido no movimento da diversidade sexual e no movimento feminista, são demonstrativas de que as lésbicas tinham dificuldade de trabalhar suas próprias demandas nesses dois momentos sociais. Se as semelhanças uniam-nas, as especificidades distanciavam-se sobremaneira e fazia-se necessário construir um movimento próprio.

---

<sup>6</sup> Veridiana Martins. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>7</sup> Veridiana Martins. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>8</sup> Veridiana Martins. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

Apesar das dificuldades enfrentadas, Veridiana Martins considera que uma das maiores contribuições e/ou conquistas políticas deixadas pelo LAMCE foi ter dado visibilidade às lésbicas.

Quando perguntada sobre quais eram suas memórias mais marcantes no período em que compôs o LAMCE, Vivi lembrou-se da primeira atuação pública, quando houve a: “[...] primeira participação do LAMCE na parada da Diversidade Sexual do Ceará. Onde tivemos que enfrentar grandes dificuldades para conseguir sair na avenida com o trio.”<sup>9</sup>

Naquele momento, em 2004, pela primeira vez, um grupo de mulheres lésbicas possuía um espaço próprio, o trio elétrico, para construir suas falas políticas junto com suas convidadas militantes e fazer suas apresentações artísticas, sem ter que dividir espaço com outros segmentos Lgbtt ou mesmo com boates e casas noturnas de Fortaleza, como era comum até então. Nesse sentido, o “Trio Parada Na Delas” realizado durante a **V Parada pela Diversidade Sexual** cujo tema era **Igual a você não existe ninguém, Diversidade é Cidadania**, no qual concentraram-se cerca de 60.000 pessoas (GRUPO DE RESISTÊNCIA ASA BRANCA, 2014)<sup>10</sup>, apresentou-se como uma importante conquista da visibilização das lésbicas no Estado. Afinal, elas tiveram a oportunidade de dirigir-se à sociedade em geral e discursar sobre suas propostas, demandas e reivindicações, recebendo, inclusive, apoio de outras mulheres que não tinham práticas de militância política.

Ainda sobre o relato de Veridiana, a última pergunta do questionário referia-se à importância que ela atribuía à existência de movimentos sociais voltados para a questão da diversidade sexual e lesbianidade na atualidade. Ela finaliza seu depoimento afirmando que é através do “[...] movimento organizado que podemos nos unir para cobrar dos governos nossos direitos.”<sup>11</sup>

A segunda integrante do LAMCE a responder o questionário foi Alessandra Guerra, *designer* gráfico e hoje com 30 anos. Na primeira, das dez perguntas, a paulista Alessandra responde como e quando ela conheceu o LAMCE:

---

<sup>9</sup> Veridiana Martins. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>10</sup> Ver: <http://www.grab.org.br/>.

<sup>11</sup> Veridiana Martins. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

Conheci o LAMCE quando eu e Bia, minha companheira na época, recém-chegadas ao Ceará, e ainda sem título eleitoral transferido estávamos acompanhando a campanha para as eleições municipais. Na ocasião, o candidato ao segundo turno Moroni<sup>12</sup> fazia uma campanha muito homofóbica e reacionária na TV. E nós chegamos a conclusão que se esse candidato ganhasse, ficaria muito difícil se manter em Fortaleza, aonde acabávamos de chegar, com tanto preconceito e discriminação. Por isso, tentamos nos informar sobre o comitê da outra candidata<sup>13</sup>, para apoiá-la a fim de que o outro candidato não tivesse chance. Nós não tínhamos nenhum tipo de orientação política partidária, tanto que, mesmo próxima a militância lgbt em São Paulo, em uma ocasião anterior eu havia até mesmo votado no Maluf, rs. Chegando no tal comitê chamado “Circuladô”<sup>14</sup>, estávamos meio perdidas, mas com o olhar conseguíamos identificar diversas mulheres lésbicas. Resolvemos abordar algumas, para contar nossa história e ver como podíamos ajudar na campanha. Nesse momento fomos apresentadas ao LAMCE, que estava reunido ali naquele momento do Circuladô. Ficamos felizes com o contato, mas apenas pegamos materiais da campanha e fomos embora um pouco tímidas.<sup>15</sup>

Perguntada sobre por que desejou participar do grupo, Alessandra responde:

Por acreditar que o mundo muda se nós fazemos algo para ele mudar, por necessidade de se engajar em algo que me colasse em contato com outras mulheres lésbicas, com outras pessoas em geral. Era difícil estar numa cidade onde não se conhecia ninguém e o LAMCE foi essencial no meu processo de sociabilização. Me sentia sufocada demais, a homofobia era bem mais forte do que é hoje, sofri homofobia no meu primeiro dia em Fortaleza, quando eu fui a primeira vez a praia, eu saía com um vizinho gay para uma boate “GLS” e ele falava pra eu tomar cuidado com expressões de carinho no meio da rua. Tinha que fazer algo para mudar.<sup>16</sup>

Sobre as linhas e estratégias de ação propostas pelo grupo, Alessandra menciona o “[...] enfrentamento à homofobia e lesbofobia nas políticas públicas e legislação, além do empoderamento das mulheres lésbicas acerca de seus direitos.”<sup>17</sup>

Alessandra entrou no LAMCE quatro anos após a sua criação. No entanto foi uma das que mais tempo atuou no grupo, enquanto algumas das fundadoras tinham se

---

<sup>12</sup> Moroni Torgan, político do DEM, foi candidato à prefeitura de Fortaleza em 2008. Em sua propaganda nas rádios e TV, emitia discurso homofóbico, em defesa da família tradicional. Moroni criticou de forma contundente o programa de governo da candidata, Luizianne Lins do PT que propunha tratar nas escolas municipais de Fortaleza o tema da homossexualidade de forma afirmativa, em combate ao preconceito no ambiente educacional.

<sup>13</sup> Luiziane Lins que disputava a reeleição, contava com o apoio dos movimentos LGBTT no Ceará. Durante seu governo, foi criada Lei n° 9136/2006 na qual estabelecia que os servidores públicos homossexuais tivessem o direito de incluir seu companheiro(a)s como beneficiários da previdência municipal.

<sup>14</sup> Espaço Cultural Circuladô era o local onde se realizavam atos políticos e culturais durante a campanha de Luizianne Lins. A grande maioria das integrantes do LAMCE militava na campanha da prefeita.

<sup>15</sup> Alessandra Guerra. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>16</sup> Alessandra Guerra. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>17</sup> Alessandra Guerra. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

desligado por questões pessoais ou profissionais. Durante os dez anos de existência, muitas entraram e saíram do LAMCE. Sobre sua quase saída, Alessandra, ao mesmo tempo, lamenta a perda de força e o esvaziamento do grupo nas tomadas de decisão, como por exemplo, na dificuldade quanto à convocação de reuniões, colocando-se, assim, em uma situação de não ruptura total com o movimento:

Não sei até hoje se sai do LAMCE. Estive no grupo até sua última reunião, as pessoas ainda me procuram para saber do grupo. O fato é que o grupo não se reúne mais há um bom tempo. Em determinado momento, com minha aproximação fortemente com o feminismo, comecei a questionar e também ser questionada sobre o papel central de poder que estava exercendo no grupo. Se eu não marcasse a reunião ela não acontecia, se eu não puxasse a atividade ela não acontecia. Algumas pessoas começaram a criticar fortemente, no entanto não faziam nada para que o grupo acontecesse. Então cheguei a conclusão que não dava mais pra continuar a puxar sozinha, se alguém quisesse puxar eu ia junto, mas não ser eu a fazer isso. Estava afim apenas se fosse um sonho coletivo e não achava justo me dedicar, gastar tempo, dinheiro com algo que ainda era fortemente criticada. E infelizmente, desde então o grupo não se reúne.<sup>18</sup>

Sobre sua permanência na militância política e no envolvimento com movimentos sociais, ela menciona atualmente militar tanto nos Tambores de Safo, que surgiu de dentro do LAMCE, como na Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB.<sup>19</sup>

A Batucada Feminista Tambores de Safo é um grupo de percussão feminista que iniciou suas atividades a partir da organização de mulheres lésbicas e bissexuais com o intuito de realizar apresentação artístico-musical, durante a Parada pela Diversidade Sexual, em Fortaleza. O grupo foi fortalecendo-se e propôs-se a construir seus próprios instrumentos de percussão em oficinas montadas pelas próprias integrantes. Suas intervenções públicas, ao longo de sua trajetória, têm forte conteúdo político-cultural, com a participação e manifestações não somente a nível estadual como nacional cujos enfoques voltam-se, sobretudo para as questões sobre consciência negra, lésbica e bissexual. Seu objetivo “[...] é transformar o mundo pelo feminismo, através de intervenções culturais que promovam o pensamento crítico, a ação política organizada e o empoderamento das mulheres.” (TAMBORES DE SAFO, 2011).<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Alessandra Guerra. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>19</sup> Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) é um movimento feminista de amplitude nacional no qual reúne uma série fóruns e redes estaduais de mulheres em articulação com centenas de organizações, grupos, ONGs e movimentos de mulheres. Ver: <http://pndh3.com.br/geral/articulacao-de-mulheres-brasileiras/>.

<sup>20</sup> Ver: <http://tamboresdesafo.blogspot.com.br/search/label/Descri%C3%A7%C3%A3o>.

Ainda sobre o depoimento de Alessandra, quando perguntada acerca das maiores dificuldades enfrentadas pelo movimento lésbico no Ceará, ela destaca a questão da visibilidade: “Inicialmente, acho que havia um problema de visibilidade. Como a lesbofobia é grande as pessoas tinham dificuldades em aparecer com medo de serem reconhecidas por familiares e empregadores.”<sup>21</sup>

A questão da visibilidade tornou-se um traço delicado no movimento. Algumas integrantes percebiam-se dentro de um paradoxo político, pois ao mesmo tempo em que organizavam ações de visibilização lésbica, como seminários, não se sentiam confortáveis quando os mesmos eventos tinham repercussão midiática e tinham que conceder entrevistas aos jornais locais. Essa questão é muito significativa para compreender as dificuldades internas do grupo. Assumir-se lésbica publicamente era ainda uma questão a ser trabalhada, individual e coletivamente, demonstrando o caráter também formativo e subjetivo que o LAMCE representava para as integrantes.

Apesar dessas limitações, Alessandra considera que o LAMCE muito contribuiu na vida de mulheres lésbicas da cidade.

Eu acho que o LAMCE teve papel fundamental na construção de uma sociedade menos homofóbica em Fortaleza. Nossas falas públicas chegaram realmente na população, muitas mulheres hoje militam a partir duma consciência que foi sim sensibilizada por nossa atuação. Tenho muito orgulho de ter feito parte dessa história. Sem contar no grupo Tambores de Safo, que nasceu com um pé dentro do LAMCE e hoje desempenha um papel muito grande na formação de opinião pública sobre a questão das opressões e autonomia das mulheres.<sup>22</sup>

O envolvimento político e afetivo da integrante com o grupo transparece em alguns trechos de seu relato, entre os quais quando ela se refere as suas memórias mais marcantes relativas ao grupo: “Muitas... paradas da diversidade sexual, seminários de visibilidade lésbica, atos públicos, eu amo todas essas vivências”, ela responde.

Por fim, Alessandra Guerra ratifica a importância de se existir movimentos sociais voltados para a questão da diversidade sexual e lesbianidade na atualidade:

[...] ainda é importante demarcar que não vivemos nem perto de uma sociedade livre e igualitária em direitos, temos muito o que conquistar, muito o que sensibilizar. Nossos direitos são barganhados, homofobia ainda é banalizada na sociedade. Não temos como parar de lutar ainda.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Alessandra Guerra. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>22</sup> Alessandra Guerra. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

<sup>23</sup> Alessandra Guerra. Entrevistada por Cláudia Freitas de Oliveira, set. 2014.

## **Considerações Finais**

O movimento lésbico está em constante dinâmica e em constante **fazer-se**. Seus desafios são muitos. Constituem-se tanto na perspectiva política e social, ao tratar de questões emergenciais como o combate à violência contra a mulher lésbica, como mantêm nuances de ordens subjetivas. Ainda nesse aspecto, algumas mulheres enfrentam dificuldades de aceitação, não no âmbito privado, pois muitas mantêm uma vida conjugal com parceira do mesmo sexo, mas quando agem como protagonistas de ações coletivas que visam lutar contra o preconceito e a discriminação social. Assim, algumas lésbicas, como sujeitos coletivos vinculados ao movimento social, encontram formas específicas de enfrentamento nas quais a questão da visibilidade e da invisibilidade se dá de maneira paradoxal. Em outras palavras, mesmo tendo participado ativamente da construção do movimento lésbico, não se sentem à vontade para expor seus nomes.

Segundo a pesquisadora Caroline Oliveira que realizou entrevistas com lésbicas de faixa etária entre 18 e 51 anos, em Florianópolis, para muitas: “[...] assumir-se implica uma vida de lutas com dificuldades, medos, rejeições e aceitações parciais.” (OLIVEIRA, 2006, s/p).

Outras mulheres lésbicas, contudo, posicionam-se de forma bastante afirmativa no movimento, visibilizando-se individualmente e como sujeito social e político.

O movimento lésbico é ainda bastante tímido quantitativamente e não leva às ruas centenas de pessoas, como ocorrem em outros movimentos sociais. Entretanto, é possível observar ações coletivas de resistência e de reivindicação crescentes quanto à luta pela efetivação de políticas públicas a nível local e nacional contra a lesbofobia. Assim, a despeito do caráter fragmentário ou mesmo incipiente de atuação, a relevância política e histórica das ações desse segmento de mulheres é inegável. O LAMCE é um indício da resistência por parte de mulheres bissexuais e lésbicas em Fortaleza contra uma cultura tradicionalmente machista e heterossexista.

## The Lesbian Movement in Fortaleza – LAMCE: trajectory and fighting actions

### Abstract

In April 2004, women from Fortaleza met to discuss ways to face discrimination not only against women generally speaking, but specifically against a much hostilized segment in society, which is the bisexual and lesbian women. As an action proposal to combat several orders of violence – like the physical and the symbolical ones – against this segment, those women from Fortaleza decided to create the group LANCE (Lésbicas Atuantes no Ceará), which would become LAMCE (Liberdade do Amor entre Mulheres no Ceará). This article aims at analyzing the genesis, the trajectory and the main challenges of the group, which completes ten years of existence in 2015.

**Keywords:** Women's movement; Feminism; Lesbian movement; LAMCE; Fortaleza.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. “Homens Trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio-ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012/22858>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

ALVAREZ, Sônia. Engajamentos ambivalentes, efeitos paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento. **Feminismos**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 57-77, jan.-abr. 2014. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/view/111/105>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 297-309, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/39/traducao.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2014.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Sheila; CORNELL, Drucilla (Org.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CIRIZA, Alejandra. Desafíos y perspectivas. Qué feminismo hoy. **Cuyo. Anuario de Filosofía Argentina y Americana**, Buenos Aires. n. 14, p. 153-168, 1997. Disponível em: <[http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos\\_digitales/1634/cirizacuyo14.pdf](http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/1634/cirizacuyo14.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2014.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da Violência - pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2004.

CONRADO, Mônica Prates et al. **Interseções entre raça, gênero, sexualidade, meio ambiente e políticas públicas**. Belém: Grupo NOS MULHERES. Pela Equidade de Gênero Etnicorracial, 2012, 45p.

COSTA, Claudia de Lima; AVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. **Estudos Feministas** [online], Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 691-703, set./ dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300014)>. Acesso em: 03 ago. 2014.

COSTA, Jussara Carneiro. Entre o feminino e o masculino, a recusa ao heterossexismo: aspectos do discurso sobre a diferença no feminismo lésbico. **Fazendo Gênero: diásporas, diversidades, deslocamentos**, Santa Catarina, n. 9, ago. 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278279957\\_ARQUIVO\\_FazendoGenero9-versaofinal.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278279957_ARQUIVO_FazendoGenero9-versaofinal.pdf)>. Acesso em: 04 ago. 2014.

COSTA, Zora Yonara Torres. **Safo, Foucault e Butler: a constituição do corpo político lésbico**. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade de Brasília, Brasília.

DESCARRIES, Francine. **Teorias Feministas: Liberação e Solidariedade no Plural**. Textos De História, vol. 8, n. 1, 2000.

GRUPO DE RESISTÊNCIA ASA BRANCA. **Dados do GRAB**. Disponível em: <<http://www.grab.org.br>>. Acesso em: 30 out. 2014.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, São Paulo, v. 10, n. 18/19, p. 81-125, 2003. Disponível em: <[http://www.ael.ifch.unicamp.br/publicacoes\\_ael/index.php/cadernos\\_ael/article/viewFile/73/75](http://www.ael.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/73/75)>. Acesso em: 30 set. 2014.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, ano VI, n. 5, p. 8-31, dez. 2012. Disponível em: <<https://julesfalquet.files.wordpress.com/2010/05/art-port-romper-o-tabu-da-heterossexualidade.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2014.

GOMES, Margareth Cristina de Almeida. **Tambores e corpos sálficos: uma etnografia sobre corporalidades de mulheres com experiências afetivo-sexuais com mulheres da cidade de Fortaleza**. 2013. 137f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ciências Humanas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, Eliane. **Vidas no singular**: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. 2007. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. **“Uma lésbica é uma mulher?”**: vozes e silêncios. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O sexo implícito: a invisibilidade lésbica na mídia e na academia. In: **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2011. 15 p. Disponível em: <<https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2012/03/o-sexo-implc3adcito-a-invisibilidade-lc3a9sbica-na-mc3addia-e-na-academia.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2014.

LANCE. **Programação do I Encontro da Visibilidade Lésbica**. Panfleto. Fortaleza: LANCE, 28 ago. 2004.1f.

LAMCE. **LAMCE: 5 anos de luta lésbico-feminista!** 24 abr. 2009. Disponível em: <<http://grupolamce.blogspot.com.br/2009/04/lamce-5-anos-de-luta-lesbico-feminista.html>>. Acesso em: 16 out. 2014.

LAMCE. **Quem somos**. Disponível em: <<http://grupolamce.blogspot.com.br>>. Acesso em: 30 maio 2014.

MATOS, Maria Izilda S. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na Historiografia Contemporânea. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 11, p. 67-75, 1998. Disponível em: <[file:///C:/Users/478323/Downloads/cadpagu\\_1998\\_11\\_6\\_MATOS.pdf](file:///C:/Users/478323/Downloads/cadpagu_1998_11_6_MATOS.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2014.

MAYORGA, Claudia et al. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 463-484, nov. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200003/25775>>. Acesso em: 16 set. 2014.

OLIVEIRA, Caroline Schweitzer de. Assumir-se lésbica: desafios e enfrentamentos. **Fazendo o Gênero**, São Paulo, v.7, 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st\\_20.html](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_20.html)>. Acesso em: 30 out. 2014.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan./jun. 2011. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi22/topoi%2022%20-%20artigo%2015.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi22/topoi%2022%20-%20artigo%2015.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2014.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas** [online], v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 21 out. 2014.

RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. Uma Mulher de Muitos Trânsitos – gênero, orientação sexual & as muitas possibilidades do ser. **“Usos do Passado” — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ**. 2006. 10 p. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Rita%20de%20Cassia%20Colaco%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2014.

SARDENBERG, Cecília. Estudos Feministas: um esboço crítico. **I Simpósio Cearense de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero**. Teorias e Metodologias nas Pesquisas com Enfoque de Gênero. NEGIF/UFC: Fortaleza, 2004.

SELEM, Maria Célia Orlato. Lesbianidade e feminismos – desconstruindo sujeitos únicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**. Paraná: Associação Nacional de História, 2005.

SOARES, Gilberta; SARDENBERG, Cecília. Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E DESAFIOS SOCIOLÓGICOS. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011. 17 p.

TAMBORES DE SAFO. **Tambores de Safo – Descrição**. Disponível em: <<http://tamboresdesafo.blogspot.com.br/search/label/Descri%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 11 mar. 2011.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Lesbianidades e as Referências Legitimadoras da Sexualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 729-749, 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8910/6793>>. Acesso em: 24 out. 2014.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

Recebido em dezembro de 2014.  
Aprovado em fevereiro de 2015.